

O Fio das Lembranças. Uma Biografia de Amadeu Ferreira.

Por Teresa Martins Marques

Agradeço comovida ao Dr. Luís Vaz das Neves a belíssima apresentação deste livro e as generosas palavras que me dirigiu. Agradeço também à Prof^a Doutora Teresa Pizarro Beleza todo o empenho na realização deste evento aqui na sua casa que foi também a casa de Amadeu. Agradeço ao editor Dr. António Baptista Lopes e à sua equipa da Âncora, que fizeram o possível e o impossível para ter o livro pronto com grande celeridade. Agradeço a todos os que, na família de Amadeu, colaboraram comigo: os pais, os filhos, os irmãos Carlos e Manuel, autor da linda aguarela que vemos na capa, os sobrinhos Thibaut e André, que me deram depoimentos que ajudam a conhecer o Amadeu no plano familiar.

Sou devedora insolvente para com o cineasta Leonel Brito, por ter filmado a entrevista de 31 horas a Amadeu e seus pais, de que vimos um pequeno excerto, e sem a qual eu não teria conseguido escrever este livro no espaço de um ano, num verdadeiro contra-relógio, temendo não o concluir a tempo de Amadeu poder ouvir a sua história de vida. Ainda com as gralhas por corrigir, a biografia foi-lhe lida integralmente pelos filhos, pelo António Canguero, pela Paula Freire, e assim ele pôde pronunciar-se sobre ela com palavras de grande carinho por mim e de apreço pelo trabalho realizado. Dizem-me que a leitura desta Biografia foi muito importante para atenuar o seu sofrimento e só por isso já valeu a pena tê-la escrito. Agradeço penhorada aos 103 autores dos depoimentos e estudos críticos, que nos mostram diferentes facetas do nosso Amigo, mas todas elas redutíveis ao mesmo denominador comum : estamos perante um ser humano raro pela sua inteligência, cultura, honestidade, bondade, altruísmo e elevadíssima capacidade de acção e intervenção, numa palavra: uma figura de exemplaridade. A eficácia da sua acção como escritor é bem

visível na sua vastíssima bibliografia activa, cuja descrição ocupa 295 páginas no 3º volume da *Bibliografia do Distrito de Bragança*, publicada por Hironidino Fernandes, em 2012.

Para além do plano profissional, essa eficácia foi posta ao serviço da cultura e da literatura mirandesas, produzindo uma obra própria em todos os géneros literários e entregando-se ainda a tarefas hercúleas como a tradução para mirandês de *Os Lusíadas*, da *Mensagem*, da maior parte dos poetas portugueses do século XX, mas também do latinos Horácio, Catulo e Virgílio, bem como d' *Os Quatro Evangelhos*, a partir da *Vulgata* de São Jerónimo.

Para além da biografia do cidadão e do trabalho literário do escritor, este livro assume uma vertente de sociografia: a infância na Terra de Miranda, mostrando a vida a escorrer dificuldades, esse reino nem sempre maravilhoso, esse Portugal profundo dos anos 50 e 60, que via a emigração como alternativa à miséria; a adolescência e juventude nos espaços opressivos dos seminários de Vinhais e Bragança, como única saída para o estudo dos filhos dos pobres; a expulsão, a escassos seis meses do final do curso de Teologia, por adesão empenhada às doutrinas renovadoras do concílio Vaticano II, em oposição às da hierarquia conservadora, enfeudada ao concílio de Trento; mostram-se alguns aspectos da intervenção no 25 de Abril e no 25 de Novembro, nomeadamente a cena em que se recusa a atirar as granadas que teriam feito um banho de sangue na Calçada da Ajuda; seguimos a pobreza franciscana da militância na extrema-esquerda, a passagem pelo Parlamento e a dissidência ideológica - no seminário por comprovado desvio de esquerda e na UDP por alegado desvio de direita. Depois o vazio, o recomeçar do zero, deixando inacabado e também prestes a terminá-lo, o curso de Filosofia e aos 35 anos, metendo ombros ao curso de Direito, que faria com brilhantismo - foi o melhor aluno - para, em

seguida se tornar uma das maiores referências portuguesas nos estudos dos valores mobiliários, construindo uma carreira fulgurante na CMVM.

A voz que no texto figura entre aspas, corresponde sempre ao pensamento de Amadeu, mas frequentemente as palavras são minhas, como resultado de uma construção em que recomponho, como num puzzle, elementos dispersos ao longo do texto fílmico. Esse puzzle inclui textos diarísticos, cartas, anotações em livros, poesia de juventude, que tem fundamentalmente um valor documental e poesia da fase adulta, que é já muito mais do que documento, funcionando também como monumento, ainda que ele afirme que “monumentos são as pessoas, o resto é obra.”

Henri Bordeaux sustentava que toda a biografia digna de ser escrita é a história de uma ascensão. No presente caso, não apenas de Amadeu, mas do povo mirandês, da sua cultura, da sua língua. É uma ascensão que vem de muito longe, dos confins da Idade Média, pois eram medievais as condições de vida, em Sendim, alumiados à luz da candeia, sem água, sem casa de banho, acotovelando-se sete pessoas em escassos 20 metros quadrados. Amadeu assumiu-se pai dos irmãos, dando explicações de manhã à noite, para lhes pagar os estudos, numa abnegação total, numa solidariedade inaudita, num jovem de 22 anos. E o que se diz da família, poderíamos dizê-lo de tantos amigos presentes nesta sala a quem ele concedeu o dom da atenção, da palavra no momento certo, sendo este o verdadeiro amor ao próximo, demonstrado por palavras e obras de um agnóstico, mais religioso do que muitos cristãos que conhecemos.

Nas suas *Memórias de Guerra*, o General De Gaulle deixou escrito que são as dificuldades que atraem os homens de carácter, pois estes realizam-se enfrentando-as. No caso de Amadeu, essas dificuldades, por vezes procurou-as. Na realidade tanto maiores são as dificuldade tanto maior será o sucesso, vencendo-as. Entre os inúmeros livros que leu na adolescência, destaco um, que o marcou profundamente para o bem e para o mal. Intitula-

se *O Jovem de Carácter*, de Tihamér Toth, professor da Universidade de Budapeste. Palavras como “carácter”, “vontade”, “querer”, “ideal”, “trabalho”, “perfeição”, passam a ser essenciais e todos os dias as exercita, com posturas de automotivação intelectual, mas também de mortificação. Num papelinho que encontrei num livro de adolescência, lê-se, escrito pela sua mão: “Devo fazer todos os dias uma coisa de que não gosto. Tenho de começar pelas coisas pequenas, as grandes virão depois.” Uma outra frase que ele sublinhou aos 14 anos diz-nos: “Começa o teu trabalho onde milhões o abandonaram.” E foi assim que o começou junto dos jovens pobres que tinham ficado pela 4ª classe, criando uma escola nocturna gratuita em Sendim. E foi também assim que ajudou colegas prestes a abandonar o curso na Faculdade, como lemos nalguns depoimentos. E foi também assim que escreveu para os colegas, a título gratuito num gesto de grande solidariedade, as 800 pp da sebenta de Direito Penal.

Amadeu soube sempre recomeçar do zero, soube sempre seguir em frente, quando se enganou no caminho como nos mostra a sua participação e abandono da UDP. Martin Luther King disse-nos que a verdadeira medida do homem não é como ele se comporta em tempos de conforto e conveniência, mas como ele se mantém em tempos de controvérsia. O sofrimento com a saída do seminário e mais tarde da UDP foi bem maior do que poderíamos imaginar. Mesmo as pessoas autoconfiantes como Amadeu têm momentos de depressão, mas saem deles mais depressa. Quando se viu a braços com o tema de mestrado Ordem de Bolsa, de que não percebia rigorosamente nada, rapidamente encontrou o norte, com a sua extraordinária capacidade de passar de ignorante a especialista. E não se pense que esta opção pelo estudo dos mercados estava livre de lhe provocar questionamentos de natureza ideológica.

Pensava: «Amadeu, tu andaste a fazer a revolução e agora estás a virar-te para o direito dos capitalistas?» Mas logo fabricou uma teoria de

solidariedade: «Temos de conhecer as regras por que se rege o capital financeiro e logo nesse projecto de *Código do Mercado de Valores Mobiliários*, eu me apercebi de que havia ali um conjunto de regras jurídicas que, se fossem postas a funcionar, iriam melhorar as coisas, iriam ajudar a proteger as pessoas mais fracas. Eram criadas instituições que tinham como função vigiar e sancionar a banca e as instituições financeiras, e isso era uma parte que me agradava. Eu olhava para os países estrangeiros, via uma bibliografia imensa, mas em Portugal não havia nada. Ia à bibliografia alemã, italiana, francesa, até espanhola, e encontrava centenas de livros sobre estes assuntos. Em Portugal, zero. Estando nós dentro da Comunidade Económica Europeia esta área tinha grande desenvolvimento. Isto não pode continuar assim, disse com os meus botões. O tema da minha tese vai ser nesta área.» Por esta lúcida argumentação vemos bem que não era apenas um trabalho académico que Amadeu empreendia, pois dava resposta à necessidade de exercer uma função cívica, como bem demonstrou no caso do BPP, de que todos se lembram bem.

Constitui mais um exemplo da sua intervenção cívica o livro de homenagem que já muito doente, Amadeu fez, sob forma de entrevista ao coronel Teófilo Bento, um dos capitães de Abril, entrevista essa filmada por Leonel Brito e cuja saída se aguarda, também pela Âncora Editora.

Temos hoje aqui o seu último livro publicado em vida. *Velhice / Belheç* num gesto premonitório de quem pressentia que não chegaria a velho. O tema da velhice de há muito encontra eco na sua obra. Em *Cebadeiros*, publicado em 2000, nos “poiais da tristeza”(p.31) encontramos os velhos, cujo fio as parcas se esquecem de cortar (p.81). *Em Cama Feita Qualquer Um se Ajeita* (2004) deparamos com uma bela imagem da velhice: “Deixava a velhice amadurecer / como sol que se põe / ainda a pôr lume nas nuvens” (p. 59) No 1º livro de Fonso Roixo, publicado em 2009,

abundam os velhos sentados nos poiais (pp. 13, 17, 35, 47, 53). Em *Ars Vivendi Ars Moriendi* lemos no poema «É triste ser velho:”se o vento te empurra para o beco / da velhice não tenhas medo: / basta que te respeites até ao fim,” (p.20) Mas é num livro de 2001 *Las Cuntas de Tiu Jouquin* que vamos encontrar a figura real do protagonista de *Velhice*. Justamente no prefácio intitulado «Díbeda bielha», o autor nomeia o tio Joaquim Viriato, uma figura marcante da sua infância: (tradução minha) “ Desde que me lembro sempre fui doido por contos. Esquecia-me a ouvi-los. A minha avó Ana, a minha mãe e o meu pai contaram-me muitos. Mas quando penso em contos lembro-me sempre do tio Joaquim. Morava à minha porta e sempre o conheci velho. Quando fazia bom tempo vinha sentar-se num poial de pedra que havia à sua porta “

Lemos agora neste novo livro em auto-representação: “O filho do Bandarra não sai de junto de mim para que lhe conte histórias. “ E lemos no prefácio do livro de 2001: “ Às vezes ficava horas ajoelhado diante dele , caladinho, a ver se me contava algum conto ou lenga-lenga.”

E lá está a encerrar *Las Cuntas* a história do rabo-rúcio e da melra cachelra que o tio Jouquin lhe contou e que ele devolve aos leitores em forma de homenagem àqueles que, ao contrário da melra, não têm medo que o céu lhes caia em cima da cabeça. E quem sabe se não é neste conto que se encontra a raiz do interesse de Amadeu pelo Asterix? Este novo livro é pois, essa dívida velha, paga duas vezes, mas também uma outra homenagem de *sagesse* a Marco Túlio Cícero que escreveu *De Senectute* ou *Catão, o Velho*, dedicado ao seu amigo Tito Pompónio Ático. O livro de Cícero é uma bússola a guiar jovens e velhos no exercício de uma vida feliz e em harmonia com a natureza, afastando-os do conflito de gerações. Na concepção estóica de Cícero, a velhice deve ser aceite como determinação da natureza e Amadeu reactualiza-a como arte de pensar as suas condições no mundo contemporâneo. Cícero escreve um diálogo entre o idoso Marco

Catão e os jovens homens públicos Lélío e Cipião. Amadeu escreve um monólogo interior simulando a escrita de um velho, mas um velho especial que tem 80 anos nos anos 50, o que o faz nascido em 1870, em Sendim, sendo uma das raríssimas pessoas então escolarizadas. Diz ele: “A escola nunca se deu bem com a fome: quem pode aprender quando lhe dói a cabeça na barriga?” Sendo ele uma clara excepção no seu tempo, este velho encara a escrita como função salvífica:

“Faz-me bem ter um objectivo a atingir, nem que seja ir escrevendo uma página de cada vez. Sinto as artroses nos dedos como bolotas e doem-me. E a vontade de escrever fica-me para o dia seguinte. Se não puder escrever, por vezes passo mais de um mês a pensar no que hei-de escrever quando puder. Assim, escrever é como um alimento que me vai mantendo vivo, tal como a bengala me permite manter-me de pé.” Isto é claramente Amadeu a falar de si mesmo. A escrita foi a sua bengala ao longo da vida.

O velho diz-nos lucidamente “chega-se a velho numas coisas e não noutras”. Sabemos hoje que existem várias idades – cronológica, biológica, psicológica, que ilustram a justeza da frase deste velho sábio. Desde logo a memória não é uniforme nos velhos. Conservam bem acontecimentos remotos, consolidados há muito tempo, são mais lentos na memória de curto prazo, e têm maior dificuldade na aquisição e retenção de nova informação.

Este é um homem novo num corpo velho, pois mantém a noção de utilidade, o que não é típico dos velhos que tantas vezes se sentem inúteis, e raciocina sobre a utilidade dos papéis que escreve, que sempre poderão servir para acender a lareira, se não acenderem o espírito de alguém. A sua melancolia deriva justamente de saber que se as pernas não trabalham, a sua cabeça continua a trabalhar e por isso os velhos são o contrário dos peixes. “A estes depois de comidos, deita-se-lhes fora a cabeça, pois só tem espinhas; aos velhos, depois de roídos por uma vida de

trabalho, apenas a cabeça se lhes aproveita. Mas ninguém quer saber disso. Sozinha, a cabeça não lava, não cava, não trabalha.”

E se dúvidas houvesse de que este homem é descrito por Amadeu à sua imagem e semelhança, vejam se não são dele estas ideias:

“ fazer pela vida, como a formiga; esperar pelo tempo certo de cada coisa; contentar-me com o que há e não me queixar quando depende de mim resolver um problema; ajudar quem nos ajuda; apenas enfrentar quem possamos; andar de cabeça direita e nunca ter medo; a sopa chega sempre para mais um, nem que tenhamos que lhe juntar água; guardar o presunto para Maio e o que há, quando o há, para quando não o há; semear sem pensar no tempo que medeia até à ceifa; primeiro regar a horta e só depois ir à missa; apenas atravessar o rio se for necessário, mas, se for necessário, não olhar para trás; “

Amadeu seguiu os ditames de Emerson que nos diz: “Vai por onde não há nenhuma estrada e faz um carreiro.” Assim Amadeu faz dizer ao seu alter ego: “Viver é fazer carreiros. Mesmo quando passamos por um caminho deixamos o rasto dos passos. “

E por fim em modo triunfal: “Cada dia que me levanto e consigo chegar à rua, coroo-me rei do poial que fica à minha porta: o poial é reino e trono ao mesmo tempo. O tamanho do reino pouco me importa: é aquele que sou capaz de governar. “

Este velho, para si mesmo pensando, é na realidade rei, porque pensar e fazer pensar é a maior riqueza que existe. Mas essa é a riqueza de Amadeu que emprestou o seu pensamento ao velho Joaquim Viriato, que na realidade existiu, mas não existiu assim, porque o texto literário é muito mais do que cópia mimética da realidade.

A biografia que hoje aqui apresentamos, entra-se nela por um «Pórtico». A palavra grega para pórtico é “stoa”, que significa lugar por onde se passa. É desta palavra “stoa “ que deriva o termo “estóico”, não

por acaso a filosofia que Amadeu tentou seguir. Se eu tivesse de escolher uma única palavra para classificar este ser humano inteiro, como na ode de Ricardo Reis, escolheria a palavra sinfonia, também em homenagem à sua faceta de professor de música. Peço-a emprestada a Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*,

“Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tanger e rangem cordas e harpas, tímboles e tambores dentro de mim. Só me conheço como sinfonia.”

Por último, em louvor do meu amigo Amadeu, gostaria que soubessem que os direitos de autor desta Biografia serão por mim oferecidos à Associação de Língua e Cultura Mirandesa.

Universidade Nova de Lisboa, 5 de Março de 2015